Pensamentos feministas: reflexões sobre propostas político-teórico-metodológicas descoloniais

Feminist thoughts: reflections on decolonial theoretical-methodological political proposals

Elen Cristina Ramos dos Santos
elencrisramos@gmail.com
Universidade de Brasília. Brasil
Recibido: 30-01-2018
Aprobado: 22-02-2018

Resumo [1]

Este artigo tem como finalidade dialogar cinco pensadoras "feministas de cor", do "terceiro mundo" - que em suas obras focalizam-se na crítica ao cânone acadêmico hetero-patriarcal e ocidentalizado, abrindo também caminho para críticas ao próprio pensamento feminista (ocidental). Através das perspectivas feministas, de gênero e raça nos pensamentos das autoras utilizadas, será buscado refletir os efeitos da colonialidade nas ciências, bem como práticas e discursos descoloniais tematizados por mulheres para a superação e subversão das fronteiras colonialistas, misóginas, sexistas e racistas sob as quais subsiste o pensamento cientifico da academia. Entendendo que noções naturalizadas nos leva a caracterizar ao que remete a academia como elementos da ordem da mente, raramente do corpo, das práticas, ações, movimentos, trabalhos manuais, as pensadoras utilizadas para construção deste artigo, inquietam a ordem positivista e racionalista de tal funcionamento e sugerem um fazer cientifico desde dentro, contextualizado, materializado, ancestral e coletivizado. São retomadas de vozes, expressões, formas de ser e estar no mundo protagonizadas pelas resistências de mulheres dentro dos espaços acadêmicos. Narrativas que brotam de dentro para fora, destituindo a pretensão de universalidade impregnado pela lógica racionalista e europeizada.

Palavras-Chave Feminismos de cor; Cânone Acadêmico patriarcal; Des-colonialidade

Abstract

This article aims to discuss five "feminists of color", "third world" thinkers - who in their works focus on the criticism of hetero-patriarchal and western academic canon, also opening space for criticism of western feminism. Through the authors thoughts and feminist, gender and race perspectives, it will be sought to reflect the effects of colonialism in the sciences, as well as decolonial practices and discourses thematized by women to overcome and subvert colonial, misogynistic, sexist and racist frontiers under which the scientific thinking remains. Understanding that we usually think and characterize whatever refers to the academy using only elements linked to the mind, rarely to the body, its practices, actions, movements or manual labour. The thinkers that contributed with the knowledge to construct this article, disturb the positivist and rationalist order of such operation and suggest a scientific practice from within, contextualized, materialized, ancestral and collectivized. They take back voices, expressions, forms of being in the world carried out by the resistances of women within the academic spaces. Narratives that sprout from the inside out, dismissing the pretension of universality impregnated by rationalist and Europeanized logic.

Key-words Feminisms of color; Patriarchal Academic Canon; De-coloniality

1 Este trabalho foi realizado como proposta de trabalho final para o curso de "Sociologias Emergentes" sob a orientação do docente do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília- UnB, Marcelo C. Rosa.

I. Introdução

Este trabalho tem como proposta analisar perspectivas, teorias, metodologias e movimentos propostos por pensadoras feministas, que reúnem em suas expressões intelectuais e políticas a subversão das fronteiras colonialistas, misóginas, sexistas e racistas demarcadas pelo pensamento científico.

Primeiramente, acredito ser válido que eu me coloque na construção deste texto como um corpo-mulher inserido e atuante no universo acadêmico. Um corpo e mente herdeiro das vozes e discursos de mulheres que caminham nos meandros de uma história que lhes impuseram negações e invisibilizações. A escrita acadêmica-intelectual tem sido operada como uma ferramenta de resistência e de criatividade por mulheres negras, indígenas, subalternizadas, e tem contribuído de maneira contundente para a insubmissão a imagens pré-concebidas sobre suas realidades, corpos e subjetividades (Collins, 2016, pp. 103-104). Nesse sentido, me colocar como um ser crítico às bases da estrutura positivista e patriarcal que regem os espaços universitários e intelectuais no Brasil e no mundo, através de suas *escrevivências* [2] é uma possibilidade íntima e coletiva de resistência às estruturas "invisíveis", que nunca foram invisíveis para nós mulheres.

Das vozes e expressões intelectuais de pensadoras das diversas áreas de conhecimento, ecoa a certeza de que nossas vidas interiores se coadunam ao nosso trabalho enquanto feministas, teóricas, poetas, mães, lésbicas, trabalhadoras, produtoras, líderes, etc. Como enunciado pela escritora feminista bell hooks[3] (1995), sobre o posicionamento da mulher negra, no que tange a sua auto-afirmação enquanto intelectual, tem sido negada e vilipendiada nos ambientes acadêmicos, uma vez que sobrevive no imaginário social - como ranço colonialista e escravista - a crença de que mulheres negras são "só corpo sem mente" (hooks, 1995). Sexualizadas, objetificadas e animalizadas dentro e fora da academia, a resistência de mulheres negras e indígenas, reverbera-se em práticas insurgentes à colonização de corpos, mentes e corações.

Mais que sobrevivências garantidas por alheamentos e imposições de discursos ocidentalizados que costumeiramente presenciamos na universidade, nós, presenças *estranhas* em espaços dominados pela hegemonia branca-patriarcal, demandamos vidas plenificadas, pensamentos autônomos, germinados de nossas subjetividades e vivências em comunidade. É neste sentido que o pensamento *feminista de cor*, *terceiro-mundista*, *subalterno* contempla e faz florescer novas visões, representações e reivindicações sobre a realidade e as relações sociais de mulheres em seus contextos e culturas. Aqui o termo *terceiro-mundistas* é amparado pela explicação de Mohanthy (2008), assumindo o teor problemático do termo uma vez que tais nomenclaturas - como primeiro e terceiro mundo – sugeririam uma similitude pouco aprofundada e também ajudariam a reforçar as hierarquias culturais, econômicas, ideológicas e sociais. No entanto, a autora subverte o sentido, enunciando a terminologia como forma de demarcação e afirmação de um segmento de mulheres que têm sido alvos de representações equivocadas por parte de estudos ocidentais (Mohanthy, 2008). *Feminismos de cor*, é uma denominação trabalhada por Ochy Curiel (2008) e outras para conferir a experiência de mulheres negras, indígenas, afro-latino-americanas e caribenhas com finalidade de contestar a categoria de "mulher" e sua pretensão de sua universalidade. Utilizarei como terminologias de afirmação das próprias autoras para melhor abranger a reflexão que aqui se faz, o que não desconsidera o complexo debate que suscitam tais nomenclaturas.

Como afirma Lugones (2014), em referência às pensadoras feministas, *mulheres de cor,* abordando a colonialidade sob a mirada interseccional, e ao denunciar a produção de essencialismo e binarismo, necessários para a conservação do capitalismo e da modernidade:

> A crítica contemporânea ao universalismo feminista feita por mulheres de cor e do terceiro mundo centra-se na reivindicação de que a intersecção entre raça, classe, sexualidade e gênero vai além das categorias da modernidade. Se mulher e negro são termos para categorias homogêneas, atomizadas e separáveis, então sua intersecção mostra-nos a ausência das mulheres negras – e não sua presença. Assim, ver mulheres não brancas é ir além da lógica "categorial" (Lugones, 2014, p.935)

Nessa perspectiva, este trabalho elabora uma revisão bibliográfica de cinco pensadoras do que aqui denomina-se criticamente *feminismo de cor* e *terceiro-mundista*. Suas obras concentram-se em análises sobre o cânone acadêmico patriarcal, incluindo críticas ao próprio pensamento feminista ocidentalizado e sua pretensão de universalidade em relação as "outras experiências".

Com as autoras serão abordadas propostas de descolonização do pensamento acadêmico que perpassam pela investigação do feminismo ocidental e suas metodologias para tecer categorias de análise arquetípicas sobre mulheres do terceiro mundo, analisadas pela indiana Chandra Talpade Mohanty (2008). A nigeriana Amina Mama (2008) traz a questão da identidade para e no contexto africano, em face dos reducionismos e problemáticas recorrentes na teorização da identidade de mulheres africanas. A dominicana Ochy Curiel (2001) denuncia o "pensamento andocêntrico e racista"

2 Palavra cunhada por Conceição Evaristo, escritora brasileira, para designar a escrita como ação que se expressa através de suas vivências diaspóricas enquanto mulher negra. Condensado das palavras "escrita" e "vivência", no português.

3 Com o nome de nascença Gloria Watkins, bell hooks adotou o nome da avó como forma de homenageá-la e utiliza a assinatura de seu nome em letras minúsculas, tendo optado por essa grafia porque, segundo ela, o foco das pesquisas deve-se concentrar na escrita e não no nome de quem as produz.

que predomina também no contexto de teoria pós-colonial, produz um aporte sobre o percurso histórico dos movimentos feministas, indígenas, chicanos e afro-latino e, consequentemente, caracterizando-os como pensamentos feministas descoloniais. A colombiana Julia Suarez Krabbe (2011) plasma sobre o problema da colonialidade persistente nas metodologias antropológicas. E por fim a boliviana aymara Silvia Rivera Cusicanqui (2006), nos presenteia com uma reflexão na qual evidencia a modernidade imperialista euro-estadunidense, localizando uma modernidade indígena própria, coetânea e resistente. Para além das problematizações e questionamentos introduzidos por essas autoras em relação a colonialidade da academia, há a apresentação, em cada uma delas, de alternativas que promovem através de novas (ou outras) proposições a transgressão quanto aos padrões de pensamento cientifico andocêntrico e racista (Curiel, 2007), mesmo quando este se localiza no *terceiro-mundo*.

Entendendo que noções naturalizadas em torno das formas de conhecimento nos leva a caracterizar ao que remete a academia como elementos da ordem da mente, raramente do corpo, das práticas, ações, movimentos, trabalhos manuais, as pensadoras por analisar neste trabalho, inquietam a ordem positivista e racionalista de tal funcionamento e sugerem um fazer cientifico desde dentro, contextualizado, materializado, ancestral e coletivizado. São retomadas de vozes, expressões, formas de ser e estar no mundo protagonizadas pelas resistências de mulheres nos espaços acadêmicos. Nestes processos de resistências e estratégias, pensar e produzir não está desvinculado do corpo, dos sentimentos e das práticas culturais e políticas.

II. Ochy Curiel e Silvia Rivera Cusicanqui: críticas ao pensamento hétero-patriarcal e racista da academia

Inicio o dialogo com a pensadora Ochy Curiel, importante teórica, militante, cantora e feminista dominicana. Em reflexão intitulada: "Critica Poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista" (2007), por meio de um apanhado histórico e contextual de movimentos e mulheres feministas nos Estados Unidos, América Latina e Caribe, a autora realiza apontamentos críticos sobre a teoria pós-colonial, ao passo que esta encobriu as contribuições de mulheres negras, chicanas, e indígenas (Curiel, 2007, p. 92).

Para ela, o contemporâneo cânone acadêmico em torno da noção de "colonialidade do poder", situando intelectuais aclamados mundialmente como Mignolo, Quijano, Dussel etc têm ganhado notoriedade de precursores de um conceito já vivenciado e promovido por intelectuais como Aimé Cesaire nos anos 1930, Franz Fanon nos anos 1950, historicamente invisibilizados nos círculos acadêmicos. Ampliando a história encoberta, localiza as lutas por direitos civis em África e Estados Unidos no contexto do apartheid e o que ela chama de "feminismos feitos por mulheres racializadas" afrodescendentes e indígenas atuantes já desde a década de 1970 que vêm rompendo com a lógica colonizada e racista do pensamento acadêmico. O que apresenta-se como novas tendências transgressoras, por meio da voz de um cânone composto majoritariamente por homens brancos, historicamente é protagonizado, por mulheres negras e indígenas em lutas e produções intelectuais:

> Sin utilizar el concepto de "colonialidad" las feministas racializadas, afrodescendentes y indígenas han profundizado desde los años 70 en el entramado de poder patriarcal y capitalista, considerando la imbricación de diversos sistemas de dominación (racismo, sexismo, heteronormatividad, clasismo) desde donde han defendido sua proyectos políticos, todo hecho a partir de uma crítica pós-colonial (Curiel, 2007, p. 94)

Na perspectiva da autora, os discursos vigentes sobre "subalternidade" na contemporaneidade são realidados desde posições elitistas e andocêntricas. A partir disso sugere como meio de transformação a recuperação dos discursos de mulheres racializadas, de forma que passem a contribuir para a nutrição do feminismo e desarticulação inerente do colonialismo que tem caracterizado as teorias sobre colonialidade. Aqui, insere os discursos e práticas de "feminismos antirracistas" protagonizados por mulheres negras nos Estados Unidos na década de 1970, a partir do movimento pelos direitos civis (Maria Stwart, Rosa Parks, Angela Davis etc) até movimentações mais recentes como a teorização do "Black Feminism" sistematizado pela socióloga Patricia Hill Collins. Sinaliza então para o feminismo chicano, que, através dos movimentos literários impulsionados pela escritora Gloria Anzaldúa, a pioneira do "pensamento fronteiriço", têm emergido sob o pilar de uma política de identidade hibrida e mestiça (Curiel, 2007, p. 100).

Partindo para o contexto de América Latina e Caribe, abordando sobre os marcos de resistências de mulheres negras escravizadas, a autora traz como exemplos os abortos induzidos, o desperdício de produtos domésticos da casa grande, etc (Curiel, 2007). Resistências históricas que estão em momentos muito anteriores a teorização do feminismo ocidentalizado e que raramente são analisados e visibilizados pela academia. Curiel fala também sobre as ideias contemporâneas de brasileiras como a antropóloga negra Lélia Gonzales, a médica Jurema Werneck e a filósofa Sueli Carneiro abordam sobre as peculiaridades da resistência de mulheres negras no contexto *amefricano*[4]

4 Categoria político cultural de afirmação inaugurada pela antropóloga brasileira Lelia Gonzalez em contrassenso às identidades conformadas pelo colonizador branco e europeu, enaltecendo as marcas indígena e africana das Américas (Gonzalez, 1988)

> Debido al caracter universalista y al sesgo racista que le ha transpasado. Son ellas (nosotras) las que han respondido al paradigma de modernidad universal: hombre-blanco-hetero; pero son tambien las que desde su subalternidad, desde su experiencia situada han impulsionado un nuevo discurso y una practica política crítica y transfomadora. (Curiel, 2007, p. 94)

De forma semelhante à crítica de Curiel ao cânone "clássico", a socióloga indígena boliviana Silvia Rivera Cusicanqui, em ensaio intitulado 'Chhixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores" (2006), plasma sobre as "novas formas de colonização" na constituição do próprio pensamento decolonial latino-americano, majoritariamente formado por homens brancos e de classes abastadas. Enquanto Curiel resgata as práticas e pensamentos políticos de mulheres negras, indígenas e chicanas, Cusicanqui tematiza sobre o projeto de modernidade indígena que contrapõe a modernidade imperialista euro-estadounidense que se faz presente também no modo como a academia está operando no "sul global".

Para ela, o "pensamento acadêmico gringo" alimentado no multiculturalismo paternalista, se apropria das vozes indígenas, se distancia e analisa a história de cima para baixo, amparados pelo privilégio da hierarquização elitista. Compreende que nas elaborações e produções de "Mingnolo y companhia han construído un pequeño império dentro del império, recuperando los aportes de la escuela de los estúdios de la subalternidad" (Curiel, 2006, p. 10). Tais estudos, sugere a autora, apesar de incitarem discussões em torno da subalternidade gerada do colonialismo persistente, se constroem reforçando em alguns sentidos, nas suas práxis em forma de discurso meramente, um novo tipo de prática com bases do colonialismo.

> No puede haber um discurso de la descolonización, una teoria de la descolonización, sin uma práctica descolonizadora. El discurso del multiculturalismo y el discurso de la hibridez son lecturas essencialistas e historicistas de la cuestión indígenas, que no tocan los temas de fondo de la descolonización; antes bien, encubren y renuevan prácticas efectivas de colonización y subalternización. Su función es la de suplantar a las poblaciones indígenas como sujetos de la historia, convertir sus luchas y demandas em ingredientes de uma reingeniería cultural y estatal capaz de sobmeterlas a su voluntad neutralizadora. Um "cambiar para que nada cambie", que otorgue reconocimientos tetóricos y subordine clientelarmente a los índios. (Cusucanqui, 2006, p. 7)

A crítica estabelecida pela autora sinaliza para os dilemas das relações de poder que passam desapercebidas nos debates da decolonialidade e seus "protagonistas", denunciando a invisibilização de pensadores negros e indígenas como o boliviano Pablo Gonzales que antes mesmo de Quijano, Mignolo ou Dussel começassem a abranger a questão já tematizavam críticas em torno das relações coloniais (Cusicanqui, 2006).

Cusicanqui oferece-nos como alternativa de subverter a realidade acadêmica local uma descolonização da prática; resistindo aos modismos da academia, e contornando as atenções para as formas de conceber conhecimento de nossas comunidades, desde uma genealogia própria e ancestral. Para isso, usa a metáfora que dá nome ao texto "Chhixinakax utxiwa", tradução para um certo hibridismo, no qual os povos indígenas empoderam suas vozes para afirmar-se desde suas próprias representações, cosmovisão e cultura:

> La metáfora del chixxi assume um ancestro doble y contencioso, negado por processos de aculturacion y "colonización del imaginário", pero también potencialmente armónico y libre, a través de la identificación com nuestro ancestro índio y el desarollo de formas dialogales de construcción de conocimientos (Curiel, 2006, p. 11)

De tais perspectivas, nota-se a preocupação das autoras ao apontarem criticamente as formas como as áreas de conhecimento se estabelecem no cerne da intelectualidade, produzindo cânones de protagonismo majoritariamente masculino, em torno de saberes já protagonizados e desenvolvidos em coletividades e por sujeitas e sujeitos marginalizadas/marginalizados, que por sua vez, historicamente não têm sido acolhidos nas ambiências acadêmicas. Ao apontarem as tensões invisibilizadas, as autoras propõem como veículo de transformação dessa realidade o empoderamento das vozes sufocadas pelas negações e ausência de divulgação, um voltar-se para histórias próprias, para fontes germinadas seus próprios corpos e territorialidades.

III. Júlia Suaréz Krabbe- críticas às metodologias antropológicas clássicas

Sobre as bases do campo disciplinas da antropologia, Julia Suaréz Krabbe (2011) explana acerca da antropologia em sua constituição histórica e suas propostas metodológicas esquematizadas desde uma localização eurocêntrica. Assim como as autoras trabalhadas anteriormente, aqui se tem uma crítica audaz sobre a contradição imanente dos campos disciplinares como a antropologia, que ao mesmo tempo que se preocupa com o problema da colonialidade, a tem reproduzido em seus modelos de composição metodológica e disciplinaria. Assim, "quizás el aspecto más peligroso de los problemas coloniales de la antropologia y la fora en la que se representa a si misma como una disciplina que ya há superado esos mismos problemas" (Krabbe, 2011, p. 193)

A autora utiliza para a diferenciação "sul" "norte", para fundamentar uma localização epistêmica, na qual a noção geo e corpolítica é utilizada para elaboração da análise. Dessa forma, aponta que há uma prolongada decadência disciplinaria na antropologia, em que noções de trabalho de campo, objetividade e critérios de cientificidade do norte têm negaceado outras formas de conceber o conhecimento dentro da academia. A problemática da colonialidade do "saber, do poder e do ser" não deve ser preocupação unicamente sobre a teoria, mas também sobre as metodologias utilizadas pelas ciências sociais. (Krabbe, 2011)

Evocando autoras/es clássicos sobre a cientificidade da antropologia Krabbe aponta a relação de poder existente e persistente que tem legado nas mãos do pensamento positivista e racional a legitimidade de decidir o que é conhecimento válido e o que não é. Nesse sentido, o saber ocidental é a forma universal a que os saberes não ocidentais (outros) devem se adequar para serem legitimados. E para que o sejam é necessário que passe pelo crivo da objetividade, da classificação e articulação com a racionalidade institucional da academia. Na parte que compete ao trabalho de campo, constitutivo da etnografia, a autora denuncia que junto a tais prerrogativas, há a insistência de que é indispensável um distanciamento entre a antropóloga/antropólogo e seu objeto de estudo (Krabbe, 2011). Uma vez que essa tem sido a característica histórica da antropologia, o distanciamento para fins de produção de uma ciência que exotiza, produz estereótipos e epistemicídios dos povos investigados.

Krabbe, propõe então como forma rompimento das fronteiras do conhecimento cercadas pelas ciências sociais feitas desde o ocidente, *indisciplinar a antropologia* através da descolonização das metodologias e a reflexão aguçada junto da prática de aproximação no trabalho da etnografia, "La antropólogía, en cuanto disciplina académica internacional e transnacional, no se puede desligar del mundo em cual actúa y emerge continuamente" (Krabbe, 2011, p. 194). Aqui a proposição de um trabalho de campo, que privilegia a aproximação no trabalho etnográfico que caminhe de mãos dadas com o compromisso de transformação e descolonização. Propõe-se uma escrita acadêmica territorializada, contextualizada, que emane de dentro das realidades e atue efetivamente sobre ela.

IV. Descolonizando as categorias de gênero e identidade com Amina Mama e Chandra Talpade Mohanthy

Alguns dos efeitos do modo colonialista e universalista que delineiam o pensamento acadêmico, afetam diretamente a maneira como tem-se construído as teorias de gênero e raça sobre as populações subalternizadas, em especial mulheres. Como forma de denunciar o racismo e reproduções paternalistas recorrentes nas formulações teóricas feitas pelo/desde ocidente, as autoras Amima Mama e Chandra Talpade Mohanthy, indicam caminhos para o entendimento de certas armadilhas e jogos de poder no campo da produção de conhecimento sobre identidades no continente africano (Mama) e categorias de gênero universalistas tramadas pelo feminismo ocidental (Mohanthy).

A feminista nigeriana Amina Mama (2008), traz para o debate a problemática das teorias das sobre a identidade africana, forjadas de fora para dentro, e geralmente carregadas de estereótipos, negações e desumanizações. Com discursos e ideias gerados com base no eurocentrismo e racismo, a autora identifica os reducionismos ante a diversidade e complexidade de todo um continente, pois não raro, as representações simbólicas e materiais sobre África a reduzem a algo homogêneo, a uma coisa só, povoada por selvagens, doenças e incivilizados. Através de "proyectos gemelos del desarollo capitalista industrial y el expansionismo imperialista" (Mama, 2008, p. 218) tem-se construído na teoria ocidental, conceitos biologistas e culturalistas sobre as identidades do continente Africano, como comprova a autora.

> las implicaciones que la historia tiene para el sentido de quienés somos son complicadas y van más allá del ancance de la teorización academicista de la identidad (...) Lo cual no ha estado, por mucho, alerta antes las consideraciones del poder o la politica, e incluso puede decir que las ha oscurecido (Mama, 2008, p. 221)

Mama analisa também os Estados-nação africanos que em contextos pós-coloniais se sustentam na construção de identidades patriarcais, relegando o gênero a escanteio e a contribuição das mulheres na construção de projetos políticos de resistência. Para ela, as formulações de categorias analíticas sobre a identidade não podem distanciar-se da composição social, política e econômica e de gênero que a fundamenta. A partir disso, a autora propõe uma compreensão desde as teorias de gênero sobre as identidades, uma politização da experiência feminista de mulheres africanas em seus contextos:

> Un análisis feminista de los estados poscoloniales vincula a evidencia y las manifestaciones destructivas de las acciones del Estado moderno con la perspectiva del patriarcado en toda su perversidad. Enfoca el autoritarismo a partir de la participación aguda de los estudios feministas (...) Oferece un poderoso repensar las identidades nacionales y abre posibilidades para imaginar comunidades radicalmente distintas (Mama, 2008, p. 229)

É dessa forma que a Mama concebe novas formas de abordagem sobre as identidades nacionais em África, que uma vez guiadas pelas perspectivas feministas e de gênero a possibilidade de ampliar os horizontes e ascender em termos de democratização da sociedade (Crenshaw, 2002).

Com base em uma perspectiva crítica das categorias de gênero e raça, a socióloga indiana Chandra Talpade Mohanthy (2008), aborda sobre o que ela chama de "colonização discursiva" recorrente nas formulações teóricas do feminismo hegemônico do ocidente em relação as mulheres do terceiro mundo. Aqui a autora aponta que há uma apropriação e codificação da produção acadêmica e do conhecimento acerca das mulheres do terceiro mundo que as tornam um "sujeito monolítico singular", limitadas em arquétipos de "outras não –ocidentais" em face de uma categoria de "Mulher" cuja característica marcada é uma pretensa universalidade. Sua crítica central faz referência a hegemonia implícita no discurso feminista do ocidente, no entanto "también se aplica a acadêmicas del tercer mundo que escriben a cerca de sus próprias culturas utilizando las mismas estratégias analíticas" (Mohanthy, 2008, p.113)

Mohanthy, problematiza que dadas as relações de poder existentes na academia, o feminismo inserido neste contexto ao mesmo tempo que luta ante as opressões machistas e patriarcais não tem se isentado de uma prática reforçadora da colonialidade racista quando se trata de uma relação com as feministas terceiro mundistas:

> Quisiera sugerir que los escritos feministas que aqui analizo, colonizan de forma discursiva las heterogeneidades materiales e históricas de las vidas de las mujeres en el "tercer mundo" y por tanto procucen/representan um compuesto singular, la "mujer del tercer mundo", uma imagen que parece construída de forma arbitrária pero que lleva consigo la forma legitimadora del discurso humanista de Occidente. (Mohanthy, 2008, p.116)

A partir desse aporte, sinaliza-se que há uma homogeneização das categorias analíticas sobre "mulheres" que reduzem suas complexidades e diversidades. Tais reducionismos se expressam em cinco formas específicas detectadas pela autora, que são costumeiramente utilizados por feministas ocidentais para a conceituação sobre as mulheres terceiro mundistas, que as caracterizam generalizadamente como vítimas, exploradas sexualmente, sem poder social, econômico e político.

> En estos textos se define a las mujeres como victimas de la violência (Fran Hosken), victimas del proceso colonial (Maria Ctrufelli), victimas del sistema familiar árabe (Juliet Minvces), victimas del proceso de desarollo económico Beverley Lindsy e la escuela liberal WID) e finalmente como victimas del código islâmico (...) Las teorias feministas que examinan nuestras practicas culturales como "resíduos feudales", o que nos etiquetan como "tradicionales" tanmbién nos representan como mujeres inmanaduras que necesitan ser educadas y formadas em el caráter distintivo del feminismo occidental (Mohanthy, 2008, p. 119)

Através desse amplificado discurso engendrado desde o ocidente, que demarca a categoria "mulheres" no arquétipo da vítima, com base metodologias binárias e essencialistas de investigação tem-se a profunda marca colonizadora na produção de conhecimento feita por mulheres do "primeiro mundo", conforme descrito pela autora. Os estereótipos apresentados, além de retirarem a agência e resistência de mulheres terceiro mundistas baseando-se em formulações racistas e paternalistas, eliminam as particularidades históricas, culturais e locais gerando noções monolíticas das identidades, primando apenas pela identidade de gênero e ignorando todas as demais (Mohanthy, 2008, pp. 119-122).

Como possibilidade de construção de conhecimento mais aprofundada e torno das diferentes experiências de mulheres, Mohanthy alude como forma de transgressão ante os universalismos metodológicos e discursivos, uma prática de contextualização da análise. Uma análise cuidadosa e enfocada, que considere raça, classe, e contexto social e cultural.

A filósofa brasileira Sueli Carneiro (2001), em abordagem análoga, tratando sobre as particularidades das experiências históricas de mulheres negras na América Latina que em muito se diferem das experiências de mulheres brancas, em face do passado escravocrata que ecoa para o presente fundamenta que

> As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras (Carneiro, 2001, s/p)

Uma vez o racismo permanece na sociedade atual como ranço colonialista, as teorias e movimentos em torno de gênero, como recomendado por diversas autorias negras não podem estar separadas de outros eixos de opressão- raça, classe, contexto local. Dessa forma a autora aponta que o afluente e histórico movimento de mulheres negras, contribuem de forma significativa para uma sociedade antirracista e transformada, ao passo que se utilizam de suas experiências para formularem teorias condizentes com suas realidades e anseios (Carneiro, 2001).

V. Encontros: aprendendo com pensadoras feministas

Quando analiso/vivencio a insurgência e florescimento do pensamento feminista - *de cor, terceiro mundista, do sul, subalterno* e uma infinidade de auto afirmações políticas (necessárias

no nosso contexto) – um espectro de diversidade e coerência com as realidades se apresenta aos meus olhos, sentidos, e ideias. Assim como a possibilidade de um fazer cientifico que considere as complexidades nas formas de conceber o mundo, me nutre de esperança em uma universidade feita de pluralidades. Receber a possibilidade de ter um espaço acadêmico que contemple as formas variadas formas de ser, estar e saber de onde falo, me expresso e me situo historicamente como mulher negra, é um passo importante na trajetória que gerou em mim novos sonhos e expectativas neste espaço.

Expectativas que se constroem em confronto com a persistência do patriarcado, sexismo e racismo. Diante de uma realidade acadêmica – e social - que produz historicamente deslegitimações dos saberes gerados por perspectivas feministas, preferencialmente as de mulheres negras e indígenas. Sobre isso, a antropóloga brasileira Tânia Mara C. de Almeida (2016) alerta sobre os mecanismos históricos de violência e negação nos e dos espaços universitários em relação aos segmentos sociais não localizados no padrão hetero-patriarcal, branco e elitista, do qual o modelo de universidade brasileira sustenta e nutre:

> Modos de pensar, elaborar e lidar com o mundo que fossem distintas daquelas consideradas padrão: a experiência social do humano paradigmático, ou seja, o homem branco, heteronormativo e burguês europeu-estadunidense, tido enquanto o "cidadão universal". Novos conceitos, matrizes interpretativas e procedimentos metodológicos nos diversos saberes acadêmicos têm sofrido resistência para se legitimarem como exegeses e epistemologias críticas do conhecimento instituído, para se firmarem contrapostas à divisão internacional do mercado intelectual mundial e à falsa ideia de neutralidade científica. (Almeida, 2016, p. 215)

Nesse sentido, uma das principais contribuições das perspectivas e práticas feministas de mulheres localizadas desde o sul global é decentralizar da ciência moderna sua tendência de universalização e tentativa de outorgar quais formas são ou não legítimas para a produção e disseminação de conhecimento. As autoras com as quais trabalho neste artigo são algumas delas. Descortinam metodologias e teorias marginalizadas na esfera científica moderna/colonial. Marginalidade que a socióloga estadounidense Patricia Hill Collins (2016) avalia como privilegiada posição para a avaliação aprofundada e criativa da sociedade, capaz de desenraizar a hegemonia dos saberes tradicionais. A descolonização das práticas, discursos e metodologias, buscadas principalmente pelas vias da *auto-avaliação* e *auto-afirmação* de intelectuais negras (Collins, 2016) por meio do que Ochy Curiel (2011) chama de *teorias próprias*. Aquelas germinadas das formas de gerar conhecimentos do pensamento afro-latino ou amefricano: a oralidade, mantedora de nossas ancestralidades e sobrevivências

> Varias de nosotras desde hace tiempo tenemos como propuesta, en ese proceso de descolonización, primero tratar de buscar teorías propias; que no se trata sólo de la explicación de conceptos, sino también explicar la genealogía de esos conceptos, de dónde vienen, por qué surgen, en qué contexto y para que nos sirven, ¿no?; y en segundo lugar, tratar de publicar, porque desgraciadamente todavía la escritura está por encima de la oralidad; y también legitimar la oralidad como productora de conocimientos. Este es uno de los grandes retos. ¿Cómo reconocer producciones de conocimiento que no estén centrados solamente en la escritura? Es un reto serio, ¿no?, porque no siempre se legitima, inclusive dentro de la misma gente crítica no siempre legitimamos los otros conocimientos que se producen de otra manera, cuando ha sido central aquí, en los pueblos indígenas, en los pueblos afros transmitir conocimientos a través de la oralidad, pero también lo visual es súper importante (Curiel, 2011, p. 4)

Assim, ao estabelecer a tentativa de um diálogo entre as autoras, pude evocar novas possibilidades de representação e de concepção da produção intelectual sobre/de mulheres terceiro-mundistas, negras e indígenas principalmente. Estratégias que se efetivam de maneira sensibilizada e comprometida com a transformação da sociedade e dos imaginários. Com elas abordou-se a crítica ao "pensamento andocêntrico e racista" que predomina no contexto de teoria pós-colonial (Ochy Curiel), tocamos na reflexão sobre a modernidade imperialista euro-estadunidense, localizando uma modernidade indígena própria, coetânea e resistente (Silvia Rivera Cusicanqui), na proposta de descolonização do pensamento feminista ocidental (Chandra Talpade Mohanty). Problematizou-se a questão da identidade para e no contexto africano, em face dos reducionismos e problemáticas recorrentes na teorização da identidade de mulheres africanas (Amima Mama) e sobre problema da colonialidade persistente nas metodologias antropológicas (Julia Suarez Krabbe).

O protagonismo histórico de resistência das mulheres do terceiro mundo, às mais variadas formas de violência, incluindo a violência epistêmica, levou as autoras ao longo do texto abordadas a tematizar e centralizar o debate sobre as práticas colonialistas que sobrevivem na academia de modelo ocidental, hetero-patriarcal, sexista e racista. Me aproprio aqui da afirmação feita pela pensadora brasileira Jurema Werneck ao se referir as lutas históricas e movimentos de mulheres negras, quando diz que "nossos passos vêm de longe!", guiados por orixás

zeladoras de nosso ôrí, que nos protegem e auxiliam na lida e na luta (Werneck, 2009). Vêm de práticas, teorias e sentimentos que transgredem a ordem estabelecida, produzem e concebem suas formas próprias do existir. Atuam em suas realidades, não subalternas, mas subalternizadas, não submissas, mas insubmissas. Vêm de antecessoras e contemporâneas que possibilitam diálogos fortalecidos e comprometidos com a transformação da realidade que se faz (e persiste) hostil às nossas existências.

São propostas de análises e miradas sobre a realidade que se desejam efetivas, uma vez que a consideram como um elemento complexo, contextualizado, e cuja composição é abrangente. Aqui o saber sensibilizado, territorializado e com base no que Cusicanqui chama de *genealogia própria* tece formas outras, que plenificam, devolvem a possibilidade de existirmos enquanto seres plenos. São vozes que desregulam a lógica mental-racional imperativa, empoderando os femininos corpos, mentes e almas vilipendiados no esquema-mundo.

VI. Considerações finais

Este artigo buscou trabalhar a partir de revisão bibliográfica de cinco pensadoras feministas. Avaliou-se a importância das perspectivas das autoras envolvendo críticas às metodologias, práticas e teorias de cunho elitista, andocêntrico e racista da academia, estruturada pela ciência moderna. Assim como apontamentos ao pensamento feminista ocidentalizado e sua pretensão de universalidade em relação as experiências de mulheres do terceiro-mundo

Com as autoras explanou-se sobre propostas de descolonização do pensamento acadêmico que perpassam pela investigação do feminismo ocidental e suas metodologias para tecer categorias de análise arquetípicas sobre mulheres do terceiro mundo, analisadas pela indiana Chandra Talpade Mohanty (2008). A nigeriana Amina Mama (2008) traz a questão da identidade para e no contexto africano, em face dos reducionismos e problemáticas recorrentes na teorização da identidade de mulheres africanas. A dominicana Ochy Curiel (2001) denuncia o "pensamento andocêntrico e racista" que predomina também no contexto de teoria pós-colonial, produz um aporte sobre o percurso histórico dos movimentos feministas, indígenas, chicanos e afro-latino e, consequentemente, caracterizando-os como pensamentos feministas descoloniais. A colombiana Julia Suarez Krabbe (2011) plasma sobre o problema da colonialidade persistente nas metodologias antropológicas. E por fim a boliviana aymara Silvia Rivera Cusicanqui (2006), reflete sobre a modernidade imperialista euro-estadunidense, localizando uma modernidade indígena própria, coetânea e resistente. Para além das problematizações e questionamentos introduzidos por essas autoras em relação a colonialidade da academia, há a apresentação, em cada uma delas, de alternativas que promovem através de novas (ou outras) proposições a transgressão quanto aos padrões de pensamento cientifico andocêntrico e racista (Curiel, 2007), mesmo quando este se localiza no *terceiro-mundo*.

Por fim, buscou-se avaliar a importância da descoberta de tais pensadoras na trajetória acadêmica da autora deste trabalho. Desde dentro de uma lógica de encobrimento e invisibilização que é histórica nas universidades e brasileiras, o encontro com as perspectivas aqui tematizadas lançou novas possibilidades de compreender a realidade a partir de modelos interpretativos, metodológicos e discursivos que contemplem as realidades de sujeitas marginalizadas nos espaços acadêmicos. Possibilidades que têm cntribuido para a transformação e transgressão das formas hegemônicas de produção de conhecimento.

VII. Bibliografia

Carneiro, Sueli (2001). *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. LOLA Press, n. 16, nov..

Collins, Patrícia Hill (2016). *Aprendendo com a Outsider Within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*. Estado e Sociedade, v. 31, n.1.

Crenshaw, Kimberlé (2002). *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. Tradução de Liane Schneider. Revisão de Luiza Bairros e Claudia de Lima Costa. Santa Catarina: Estudos Feministas.

Gonzalez, Lélia (1998). *A Categoria político-cultural de amefricanidade.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileira.

Curiel, Ochy (2001). *Critica pós-colonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista*. Nómadas (26): 92- 101.

Curiel, Ochy. Desde la experiencia". Entrevista a Ochy Curiel. México: Adamios. Volumen 8, número 17, septiembre-diciembre, 2011, pp. 181-197

Hooks, Bell (1995). *"Intelectuais Negras".* Estudos Feministas, V. 3, n. 2, p. 464 -478.

Lugones, María. *Rumo a um feminismo descolonial*. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3): 935-952, setembro-dezembro/2014

Mama, Amina (2008). *Cuestionando la Teoría: Género, Poder e Identidad en el Contexto Africano.* In Liliana Suárez Navaz y Rosalva Aída Hernández Castillo (editoras) Descolonizando el Feminismo: Teorías y Prácticas desde los Márgenes. Editorial Cátedra; Madrid-España.

Mohanty, Chandra Talpade (2008). *Bajo los Ojos de Occidente: Feminismo Académico y Discursos Coloniales.* In: Liliana Suárez Navaz y Rosalva Aída Hernández Castillo

(editoras). Descolonizando el Feminismo: Teorías y Prácticas desde los Márgenes. Editorial Cátedra; Madrid, España.
Rivera Cusicanqui, Silvia (2006). *Chhixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*". En: Mario Yupi (comp.). Modernidad y pensamiento descolonizador. Memoria del Seminario Internacional. pp. 316. La Paz: U-PIEB IFEA.
Soares-Krabbe, Julia (2011). *En la realidad. Hacia metodologias de investigación descoloniales.* Tabula Rasa. Bogotá Colombia, No.14: 183-204.
Werneck, Jurema (2009*). Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo* In: Vents d'Est, vents d'Ouest: Mouvements de femmes et féminismes anticoloniaux [en línea]. Genève: Graduate Institute Publications.

VII. Referência Audiovisual

Entrevista a Silvia Rivera Cusicanqui. Direção: Centro experimental oído salvage. Guayaquil, Ecuador, 2016. 45 min.

Elen Cristina Ramos dos Santos . Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília/DF- Brasil. E-mail: elencrisramos@gmail.com